

Camdessus diz que País tem de crescer

* 3 DEZ 1991

José Paulo Lacerda/AE

BRASÍLIA — O diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Michel Camdessus, conseguiu conquistar o Congresso.

Foi na noite de domingo, em torno de duas mesas da churrascaria Porteira dos Pampas, às margens do Lago Paranoá, onde o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, reuniu Camdessus a sete líderes de partidos do governo e da oposição, um ministro do Supremo Tribunal Federal (Célio Borja) e a maior parte de sua equipe para uma conversa sobre o País e suas contas externas. Um sucesso.

"Uma pessoa encantadora", diria mais tarde o senador Roman Tito (PMDB-MG), uma das vozes mais influentes do partido em assuntos de dívida externa.

Adjetivos parecidos foram usados por Marco Maciel (PE), líder do PFL, Francisco Dornelles (PFL-RJ), relator do projeto de reforma tributária, importante para o bom andamento das negociações com o FMI, e Genebaldo Corrêa (BA), líder da bancada do PMDB, que por ser a maior do Congresso determina o sucesso ou o malogro de qualquer proposta.

Camdessus foi afável, mas pragmático. Sobre as mesas da Porteira dos Pampas, fichas verdes e vermelhas permitiam aos convidados avisar aos garçons quando desejavam ou não mais carne.

Alheio à convenção, Camdessus recorreu às fichas para explicar o peso que as suas palavras terão no board que vai analisar a carta de intenção do governo brasileiro. "Se eu fizer assim", disse, mostrando a ficha verde, "as portas serão

abertas". Mas, "se eu fizer assim", e mostrou a vermelha, "elas serão fechadas; portanto, eu não posso ser leviano ao mostrar a luz verde".

Sobraram palavras de confiança no ministro Marcílio. Segundo Camdessus, a comunidade financeira internacional exigia que o FMI só negociasse com o Brasil depois que o País fizesse reformas internas. "Não é esse o meu entendimento, porque confio plenamente no ministro Marcílio."

Disse ter certeza de que a carta de intenção será "consistente" e de que o governo adotará uma política dura de combate à inflação, "a maior inimiga dos pobres". Com a aprovação da carta, o diretor-gerente do FMI está convencido de que se abrirão as portas dos bancos e também dos organismos internacionais de crédito.

"Estamos fazendo com que este país fique numa encruzilhada a vida toda", disse. E completou: "É importante para o mundo que o Brasil volte a crescer."



Sorrisos da esperança

Camdessus (esq.) sorri com Marcílio, Kafka, Marco Maciel e outros líderes: afável, porém pragmático